

VISÕES ÚTEIS: UM CIRCUNSTANCIAL TEATRO DE CIRCUNSTÂNCIA

por Eugénia Vasques

I. A imagem que melhor poderá definir o trajecto artístico dos Visões Úteis, do Porto, um dos grupos nascidos em 1994, terá de ser colhida no campo semântico da itinerância, do percurso, do caminho. Não só porque não têm casa definitiva ou porque levam e procuram o teatro dentro e fora de fronteiras mas porque, programaticamente, escolheram contra a dependência de “destinos”, a teimosa e persistente opção por “vias” e vias, até, alternativas a eles mesmos...

Agentes de um teatro menos “nacional” e mais situacional e cosmopolita – ao que não foi alheia a forte personalidade de Paulo Lisboa, um artista brasileiro que suscitou no grupo nascente o impulso para a assunção de **uma diferença** pautada por um universo nocturno, absurdo e grotesco, dominado pela linguagem de uma fisicalidade negadora do psicologismo emocional --, os Visões Úteis **pertencem** ao número daqueles jovens criadores que, no decurso da década de 90, emergiu como “outro”, o dos mais novos, formado já num quadro mental de confronto com as gerações do teatro-serviço público (anos 70) e mesmo as gerações, posteriores (anos 80), mais individualistas e crentes no mercado.

Os Visões surgem, pois, num momento de reconfiguração da geografia teatral portuguesa, mormente a geografia teatral do Porto que, nessa década, começava a dar mostras do rejuvenescimento do seu tecido teatral, resultado directo da existência de diferenciadas escolas profissionais e de um diálogo produtivo com o renovado Teatro Nacional S. João.

O jovem grupo pertence, então, a uma “nova geração” que, contrariamente, aos seus antecessores *free-lance*, aposta nas virtualidades dos projectos **colectivos**, no diálogo permanente e na cumplicidade com outros projectos, nacionais e internacionais, que lhes vai permitindo um acumular de experiências, quer seleccionadas quer aleatórias, e um delinear de afinidades electivas que é parte muito integrante da sua procura de uma identidade própria e de um lugar que não coincida com qualquer outro já trilhado.

Oriundos de um terreno propício à rebelião, o teatro universitário (e não é indiferente que a plataforma de encontro tenha sido o coimbrão *sui-generis* CITAC) – digamos que os Visões Úteis estão para o Porto contemporâneo como a Cornucópia esteve para a Lisboa do início dos anos 70 --, não é também indiferente a esta postura afirmada o facto de todos os elementos constitutivos desta Companhia terem **formação universitária** e uma formação plural que vai da **literatura às ciências e das ciências às artes plásticas, das relações públicas à produção**, integrando ainda afirmados artistas **da música e da fotografia**.

Também de acordo com o ímpeto de quem nada tem a perder (e tudo a reivindicar), os Visões, lutadores e altivos, não evitam o confronto geracional, lutando, na praça pública, pelo seu lugar institucional. Mas a sua busca de afirmação tem um terreno próprio, explicado pela multidisciplinaridade do conjunto: **a procura de um teatro que dialogue com a realidade segundo pressupostos a encontrar em cada momento**. O pensar metodologias de criação cénica, o alargado diálogo artístico – que inclui os grandes autores realistas! -- e uma escrita com marca de autoria grupal parecem-me constituir os pilares definidores do percurso mais recente desta coesa Companhia.

II. No laboratório de criação teatral dos Visões, a ideia de “dramaturgia” tem um papel fundamental. Os VU, pelo menos no decurso do recente ciclo de vida que se encerrou com o elaboradíssimo e musical *667, O Vizinho da Besta* (2003), privilegiaram o **motor temático** (revolta do novo contra velho, crise da cultura urbana, luta contra a uniformização europeia, os perigos do isolamento, anormal e normal, a perversão da família, etc.) e privilegiaram, ou melhor, continuaram a privilegiar, **processos estéticos como a metateatralidade, o jogo, o apagamento** (ou a perturbação) **de fronteiras entre categorias artísticas** (realidade/ficção; mentira/verdade; emoção/fingimento; personagem/voz; cena/público, etc.) e o indispensável aleatório criativo que se esconde sob os processos de elaboração.

Acima de tudo, porém, os VU testam, teimosamente (um dos traços de carácter do grupo), os limites de uma escrita cénica que não reivindica uma “originalidade” patética – assumindo o “processamento” de influências endógenas e exógenas, incluindo os autores-fétiche do grupo como Kafka, Ionesco, Beckett e até Pirandello e Tchekov, a partir dos quais e com os quais experimentam e medem forças! – mas reivindica uma escrita determinada, cenicamente, pelos corpos e personalidades dos criadores

envolvidos, num processo (em progresso) orientado por uma dramaturgia batalhada no colectivo.

Como se espera pela confluência de formações ostentadas pelos elementos constitutivos da Companhia, todos estes modos de trabalho teatral denunciam linhas de conduta estética de entre as quais se destaca o campo da música e o da imagem como suportes principais da investigação textual (verbal). É aliás nas relações entre estes suportes, materiais e linguagens que se detectam os maiores **riscos no trabalho de actor**: permanentemente solicitados por um tipo de dramaturgia que torna ambíguos os planos de realidade e que apela, muitas vezes, à irracionalidade emotiva, à desconstrução psicológica (com valorização da entidade Voz e da entidade Corpo em detrimento da criação de uma “personagem”), à oscilação entre hiper-realismo e sobre-realidade, os actores denunciam, em cena, a necessidade de um mais radical investimento na interpretação que esteja à altura, permanentemente, da conceptualização e estilização desta escrita cénica movente.

A vocação “itinerante” dos VU, para além de denunciar a vontade de mundo destes jovens criadores, releva sobretudo de uma convicção e de uma utopia: que o teatro tem uma responsabilidade social e pode ajudar a construir um futuro. Daí a paradoxal necessidade de “realismo” que a linguagem desnaturalizadora do grupo – pautada por formas que exprimem o sem sentido e a incongruência, modos, ainda, de um absurdo que é, para as novas gerações e para os VU, sinónimo de pesquisa formal -- sempre faz intervir nos seus processos.

Por último, a importância concedida aos textos e à escrita cénica redonda na necessidade de escrever, reflectir e publicar. A edição teatral dos VU é outro dos sinais da sua crescente vontade de lutar contra a efemeridade consumista.

Lisboa, 18 de Abril de 2005